

Editorial

É com grande satisfação que apresentamos este número da revista *Dois Pontos* dedicado exclusivamente a temática da *Filosofia e das Ciências nos séculos XVII e XVIII*. Os vários artigos aqui publicados problematizam de um ponto de vista histórico e metafísico-epistemológico uma ampla gama de questões relativas às diferentes ciências do período, tais como história natural, física, química, matemática e ciências da vida.

Os dois artigos iniciais apresentam a importância do pensamento de Francis Bacon para a modernidade. No primeiro, Luciana Zaterka discute a relevância do programa baconiano de conhecimento para se repensar o empirismo do início da modernidade, propondo então uma reconfiguração desse empirismo, por meio do estudo de algumas ciências, tais como a química, a medicina e a história natural seiscentista inglesa. Em seu artigo, Luis Eva examina a *História Natural* de Bacon a partir de sua relação com a literatura cética presente no século XVI, conseguindo mostrar que, para Bacon, a elaboração de sua *História Natural* se filia a uma tradição naturalista que remonta a Plínio e Cícero.

Já os artigos seguintes problematizam questões relativas ao empreendimento filosófico de R. Descartes. O artigo de Paulo Tadeu da Silva passa em revista a correspondência entre Froidmont e Descartes, tendo como fio condutor a recepção de *Os meteoros* de Descartes, buscando mostrar o *locus* fundamental da correspondência filosófica-científica no período, bem como as principais objeções que a obra de Descartes recebeu com relação às suas hipóteses mecanicistas da matéria. Juliana Fausto apresenta um interessante estudo sobre a vivissecção e a mecanomorfose em animais no Seiscentos. Para atingir seu objetivo, ela discute a recepção da tese das “bestas-máquinas” nos círculos científicos ingleses na época. Luís César Oliva procura mostrar em seu artigo as principais diferenças do conceito de *conatus* nas filosofias de Descartes, Hobbes e Espinosa. Para tanto, discute que, apesar de divergências importantes, tanto em Descartes como em Hobbes o *conatus* está inserido no âmbito físico, relacionado sobretudo à discussão seiscentista do movimento. Já na obra de Espinosa, o conceito se distanciará desse âmbito físico, e ganhará um estatuto claramente ontológico, relacionado, portanto, à própria essência dos modos finitos.

A instigante filosofia de Malebranche é o tema do artigo de Sacha Zilber Kontic, que analisa a relação entre a proposta física mecanicista e o finalismo presente na teoria da preexistência dos germes na obra do pensador francês, com o objetivo de responder ao problema deixado pelo cartesianismo, qual seja, a explicação mecânica da geração dos corpos. No artigo seguinte, Celi Hirata escreve sobre a distinção entre natureza e artifício nas filosofias de Bacon, Descartes, Hobbes e Leibniz. Seu intuito é demonstrar que enquanto os primeiros utilizam a analogia da natureza como máquina para destituir a natureza de qualquer finalidade, Leibniz, diferentemente, utiliza a metáfora para argumentar o oposto, isto é, que a natureza deve ser teologicamente estruturada, afinal ela possui uma finalidade em si mesma.

Os dois artigos seguintes discutem o pensamento de David Hume. No primeiro, Wendel de Holanda Pereira Campelo visa a aprofundar a questão do estatuto do ceticismo humiano, discutindo, por um lado, a influência que ele teria recebido do argumento cartesiano do “Deus enganador” e, por outro, a solução encaminhada por Hume, qual seja, de oferecer limites claros à faculdade da razão. Por não querer fornecer um estatuto teórico radical ao ceticismo total, Hume operaria com um critério de verdade baseado, sobretudo, na



probabilidade. No artigo seguinte, Silvio Seno Chibeni continua discutindo aspectos da filosofia de Hume, porém de uma perspectiva bastante distinta. Partindo da discussão contemporânea aberta por van Fraassen, defensora mais de um “empirismo construtivo” que tem por consequência um anti-realismo epistemológico no âmbito da filosofia das ciências, o artigo acaba por concentrar-se no exame de passagens de obras de Hume que tratam da possibilidade ou impossibilidade de se tratar de entidades inobserváveis.

Em seu artigo, Isabel C. Fragelli aponta o lugar nuclear que o conceito de força tem nas transformações na ciência física nos séculos XVII e XVIII. A autora aborda tanto os aspectos mecanicistas da questão, em especial na obra de Descartes, como as perspectivas mais dinâmicas, observadas, por exemplo, nas filosofias de Leibniz e Newton, até o seu papel nas ciências da vida da época, em especial nos naturalistas como Buffon e Maupertuis, colocando a difícil questão do âmbito teleológico da epigênese. O artigo de Pedro Paulo Pimenta analisa algumas relações epistemológicas entre o conceito de seleção natural proposto por Darwin e suas aproximações frente à crítica da teleologia efetivada por Hume nos seus *Diálogos sobre a religião natural*. Com isso, ele aponta para um aspecto muitas vezes negligenciado do pensamento de Darwin, qual seja, sua herança frente aos naturalistas do século XVIII. Emanuele Tredanaro aborda em seu artigo uma temática não muito conhecida do pensamento de Rousseau, qual seja, os seus estudos sobre botânica. O autor assim propõe, por meio de uma leitura de algumas cartas e de alguns de seus escritos sobre botânica, um *locus* fundamental para essa ciência, tornando-se inclusive um paradigma para o próprio filosofar.

Em seguida, Ronei Clécio Mocellin traz à tona aspectos importantes da filosofia da química do século XVIII, ao explicitar alguns conceitos do *Sistema de natureza* de Holbach, em especial de sua filosofia materialista, discutindo, então, por meio de pensadores como Venel, Macquer e Geoffroy toda uma outra racionalidade química presente nesse campo do saber anterior a época de Lavoisier. O artigo seguinte, de Lourenço Fernandes Neto e Silva, continua a discutir a filosofia da química do século XVIII, enfatizando a importância da metodologia de Condillac, em especial o uso de conceitos como os de atração e afinidade para a futura ciência química de Lavoisier. Por fim, no artigo de Clara Castro encontramos uma leitura sobre a relevância do conceito científico de organização para a obra literária de Sade. Assim, a autora nos apresenta a importância da relação entre ontologia e ética para se compreender o estatuto dessa organização e de seu inverso, a desorganização, na obra sadiana.

Luciana Zaterka
luciana.zaterka@ufabc.edu.br
Professora de Filosofia da UFABC